

AGRICULTOR, ASSALARIADO, AGRICULTOR: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES NO PROCESSO DE EXPANSÃO DE COMMODITIES NA AMAZÔNIA

Laiane Bezerra Ribeiro - laianebr@yahoo.com.br
Dalva Maria da Mota - dalva.mota@embrapa.br

* Submissão em: 18/01/2024 | Aceito em: 11/06/2024

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as identidades de trabalhadores rurais ao longo das trajetórias de trabalho no processo da expansão de uma *commodity* no nordeste paraense. A pesquisa foi realizada no município do Acará, nordeste paraense, através de um estudo de caso, com observações das atividades cotidianas e entrevistas com questionários semi-estruturados e não-diretivas com 18 trabalhadores rurais na vila rural de Belenzinho e cinco moradores da sede do município (sindicalistas e representantes da secretaria de agricultura do município do Acará). As principais conclusões mostram que a identidade de agricultor familiar revela-se quando eles trabalham com os pais na agricultura e se intensifica quando iniciam seus próprios cultivos, a identidade de trabalhador assalariado surge, para a maioria, com a expansão da dendeicultura, pelo fato da atividade se tornar a principal fonte de renda da família e por ser nela que dedicam a maior parte do seu tempo de trabalho. Ao serem demitidos da dendeicultura retornam as suas atividades iniciais de agricultores familiares iniciando novos cultivos e continuando nos cultivos tradicionais de roça. Porém, dando ênfase a cultivos de frutíferas como o açaí.

Palavras Chaves: Dendeicultura. Nordeste Paraense. Agricultura familiar. Assalariamento rural.

FARMER, SALARIED WORKER, FARMER: TRAJECTORIES AND IDENTITIES IN THE PROCESS OF COMMODITY EXPANSION IN THE AMAZON

ABSTRACT

The aim of this article is to understand the identities of rural workers created throughout their work trajectories in the face of the expansion of a commodity in the northeast of Pará. The research was carried out in the municipality of Acará, northeast of Pará, through a case study, with observations of daily activities, in addition to interviews with semi-structured and non-directive questionnaires with 18 rural workers in the rural village of Belenzinho, and five interviews inside the municipality headquarters with local residents, trade unionists and representatives from the agriculture department of the municipality of Acará. The main conclusions show that the identity of a family farmer is revealed when they work with their parents in agriculture and intensifies when they start their own cultivation, the identity of a salaried worker emerges, for the majority, with the expansion of oil palm farming, due to the fact that activity becomes the main source of income for the family and because it is where they dedicate most of their working time. When they are fired from oil palm farming, they return to their initial activities as family farmers, starting new crops and continuing with traditional field crops. One of the alternatives is to resume agriculture as their main source of income. However, placing emphasis on fruit crops such as açaí.

Keywords: Oil palm cultivation. Northeast Pará. Family farming. Rural salary.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da identidade de trabalhadores rurais no processo de expansão de uma *commoditie* na Amazônia. Nessa região, especialmente, no Estado do Pará a produção de dendê como *commoditie* ocorre há décadas, mas nos últimos anos essa produção ganha impulso através de programas federais, como o Programa Nacional de Produção de Biodiesel (PNPB) e em especial para com o Programa de Produção de Óleo de Palma (PSOP). É através desses incentivos que o Estado do Pará hoje lidera a produção nacional de dendê (IBGE, 2023)

Os programas influenciam uma nova dinâmica econômica nos municípios onde a dendeicultura se instala, especialmente nas vilas rurais, local de moradia dos trabalhadores que se assalariam na dendeicultura (MOTA; RIBEIRO; SCHMITZ, 2019; MOTA, 2022; RIBEIRO; NASCIMENTO, 2021).

Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) o trabalho na dendeicultura possui alta rotatividade, reflexo que pode estar relacionado a penosidade das atividades referentes ao cultivo. Ainda segundo o Sindicato de Empregados e Empregadas rurais (Sindter), o município do Acará no ano de 2023 possuía aproximadamente mil trabalhadores assalariados na dendeicultura, dos quais 80% são da área rural do município e tem suas origens na agricultura familiar.

Os trabalhadores iniciam sua trajetória de trabalho na agricultura familiar e quando possuem a oportunidade se assalariam com a motivação de ter uma carteira assinada, ou estabilidade financeira individual ou familiar. No entanto, o assalariamento na dendeicultura não possui um vínculo duradouro, ocasionando o retorno ao seu trabalho inicial na agricultura familiar. Nesse contexto, existe a auto identificação desses trabalhadores rurais, uma hora como agricultores familiares, outra como assalariados na dendeicultura.

Silva e Melo (2009) destacam que a trajetória é um encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelo individuo nos diferentes campos do espaço social. A trajetória não se resume apenas as decisões subjetivas relacionadas a vontade dos indivíduos ou do grupo familiar, deve-se levar em conta os condicionantes externos, ou seja, as estruturas onde as práticas são tecidas.

Os estudos sobre identidade destacam que o reconhecimento do outro é fundamental para sua construção, sendo assim, a partir do momento em que o ator deixa de ser reconhecido por suas atividades, mediante o olhar do outro, tende a passar por uma crise de identidade (DUBAR,

1987). O autor trata de formações identitárias, pois entende que são várias as identidades que assumimos. Assim compreendemos que a identidade não depende somente da auto identificação, mas também pela identificação da sociedade, do reconhecimento pelo outro.

No espaço rural, Guerra (2013) destaca que aos agricultores que se apossaram de terras alheias lhes é negada a identidade de camponês, mesmo com todas as características. A sociedade os reconhece como posseiros e assim também eles se identificam para conseguir a legalização de suas terras. Pantoja (2008) faz uma análise semelhante de extrativistas que assumem a identidade de indígenas para assegurar a posse e uso das suas terras.

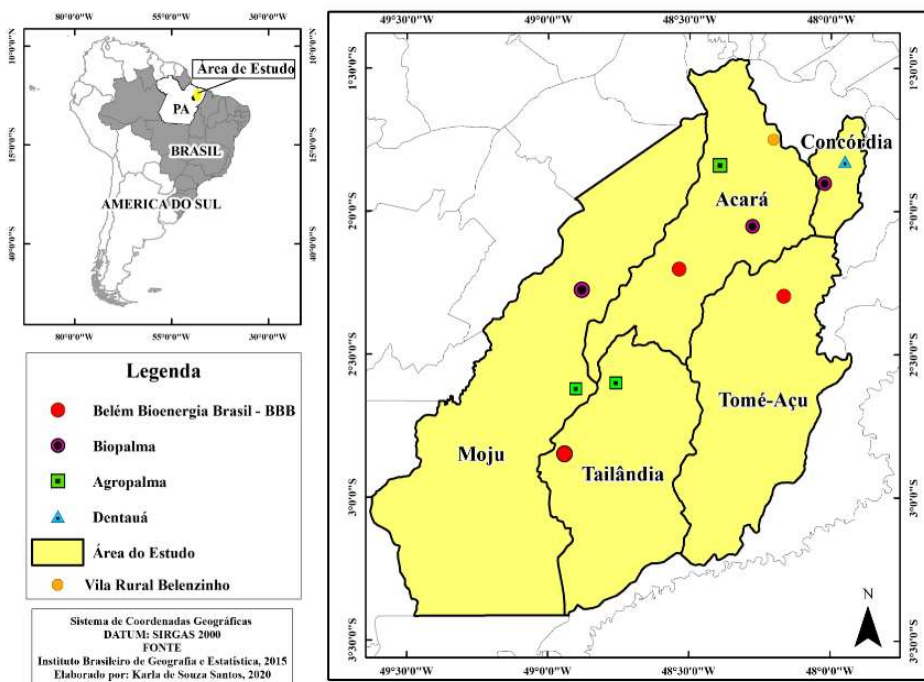
Considerando o debate, o objetivo deste artigo é analisar as identidades de trabalhadores rurais criadas ao longo das trajetórias de trabalho diante da expansão de uma *commoditie* no nordeste paraense. Este artigo está estruturado em cinco seções: a primeira, é esta introdução; a segunda seção corresponde aos passos metodológicos; a terceira seção é o referencial teórico sobre identidade; a quarta seção é referente aos resultados e discussões sobre a construção das identidades e como essa reflete nas trajetórias de trabalho de trabalhadores rurais da vila de Belenzinho no Acará; e a quinta e última seção são as conclusões.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso na vila rural de Belenzinho no município do Acará, no nordeste paraense no período de 2021 e 2023. Segundo Becker (1994), o estudo de caso proporciona uma análise detalhada de um caso individual, ou seja, a partir da exploração intensa de um único caso com o intuito de compreender de uma forma abrangente todo um grupo estudado.

Belenzinho tem sua formação histórica, econômica e social ligada diretamente ao uso dos rios que cercam a vila e a região do baixo Acará. Existem na vila aproximadamente 50 famílias, residindo em moradia de madeira que aos poucos vão sendo substituídas por alvenaria, sem delimitação dos quintais, podendo os moradores andar entre os mesmos para facilitar e agilizar a locomoção. Os principais prédios públicos são três igrejas (duas evangélicas e uma católica) e uma escola. Todos situam-se no centro da vila.

Abaixo encontra-se o mapa de localização da vila rural de Belenzinho e as principais indústrias de dendê da região.



Elaboração: Souza, 2021

Em se tratando dos procedimentos, foram realizadas observações das atividades cotidianas, entrevistas com 18 trabalhadores rurais da dendeicultura e cinco entrevistas na sede do município com sindicalistas e representantes da secretária de agricultura da prefeitura. A análise de dados e informações ocorreu segundo orienta Michelat (1987) com leituras horizontal e vertical das entrevistas sempre em diálogo com as literaturas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Identidade

Ao longo de sua trajetória cada indivíduo passa por numerosos processos de socialização, que refletirá na sua capacidade de interagir com os outros num determinado contexto sócio-cultural, o que refletirá na sua identidade, considerando que a mesma não é fixa.

De acordo com Dubar (1997), a identidade é construída a partir de uma perspectiva dual, que põe, de um lado, uma identidade de si e outra para si. A primeira, é construída subjetivamente pelo ator, a segunda é construída pela relação com o outro. Neste sentido, segundo o autor, o reconhecimento do outro é fundamental para construção da identidade, sendo assim, a partir do momento em que o ator deixa de ser reconhecido por suas atividades, mediante o olhar do outro, tende a passar por uma crise de identidade.

Dubar (1997) prefere falar em formações identitárias, pois entende que são várias as identidades que assumimos, se constitui em um movimento de tensão permanente entre os atos

de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é) e os atos de pertença (em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas). Assim compreendemos que a identidade é construída tanto pela auto identificação, como também pela identificação da sociedade, do outro.

Em seu estudo, Pantoja (2008) descreve uma comunidade de seringueiros que em determinado momento não se enxergam mais como tal e buscam sua identidade indígena para reivindicar seus direitos territoriais. Para serem identificados pela sociedade como indígenas reivindicaram suas origens étnicas e assim sua identidade indígena, através de rituais e utensílios próprios da cultura indígena para a reforçar uma identidade com um forte componente étnico e assim reivindicar a demarcação de suas terras como áreas indígenas.

Guerra (2013) estudando os camponeses da região sudeste do Pará observou que esses adquirem a identidade de posseiros como uma categoria social. Eles são autênticos camponeses, mas por passarem por situação jurídica precária e se lançarem nas frentes de expansão, atraídos por terras livres, ou atraídos por programas de colonização são identificados como posseiros. Guerra (2013) mostra que por incorporarem novas terras ao processo produtivo “sequer é reconhecido como produtor rural, açoitado pela pecha de invasor, marginal, ignorante” (GUERRA, 2013, p. 37). Assim, esses agricultores ao se apossarem de terras alheias lhes é negado sua identidade de camponês e a sociedade passa a reconhece-los como posseiros e, assim, também se identificam para conseguirem a legalização de suas terras.

No caso estudado, os trabalhadores rurais iniciam suas atividades na agricultura familiar ainda na infância. No entanto, com o assalariamento passam a priorizar a auto identificação de assalariados em detrimento daquela de agricultores. No entanto, ao serem demitidos do trabalho assalariado na dendeicultura retornam a sua atividade como agricultores e assim se identificam.

4. AGRICULTOR, ASSALARIADO, AGRICULTOR: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

4.1. Trajetória e identidade como agricultor familiar

Oriundos de famílias de agricultores familiares, os trabalhadores rurais entrevistados foram socializados em atividades relacionados ao trabalho na agricultura desde cedo, onde o trabalho na roça era parte integrante das tarefas cotidianas da família. Assim, o início nas atividades de trabalho na roça foi algo prematuro para os entrevistados, iniciando, geralmente por volta dos oito anos, e considerado por todos como a introdução ao trabalho rural.

Todos os 18 entrevistados possuem terras agrícolas e são oriundos da agricultura familiar. Assim, seus primeiros trabalhos foram com os pais na agricultura, especialmente no plantio de mandioca para a farinha de mandioca, um dos principais produtos alimentícios do paraense.

As atividades na infância foram sempre marcadas por lembranças quanto a maior diversidade de produtos, a maior fertilidade da terra, a produção com menos intervenção e menos doenças fitopatológicas, entre outras lembranças de um passado entre “fartura” e “dificuldades” onde se produzia o mínimo necessário para a sobrevivência da família¹.

Quando analisadas em conjunto, observamos as semelhanças na forma como se apresentam as narrativas, mostrando pequenos ou nenhum contraste sobre o modo como essa população organizava sua estratégia de trabalho, baseada exclusivamente no cultivo de produtos agrícolas de ciclo curto. O uso dos rios foi destacado somente para o transporte, não sendo seu uso para a pesca ou o trabalho nas águas. O uso das madeiras também foi raramente manifestado pelos entrevistados. Em um único caso, a família trabalhava com o leite da maçaranduba para a produção de balata.

A extração de madeiras para a venda praticamente foi inexistente, pois as madeiras mais valiosas já haviam sido extraídas. A escassez de madeiras pode ser compreendida pela sua extração desde os primeiros anos de colonização dessa região. Marin (2000) destaca que o vale do Acará teve como primeiras atividades econômicas a extração de madeiras no período do Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX) o que ocasionou uma exploração intensa dos produtos naturais dessa região.

Até adquirirem suas próprias famílias o trabalho na agricultura era visto como uma ajuda aos pais. É também um período em que os conhecimentos são repassados de pai a filho. O trabalho, além de fornecer bens materiais, permite o exercício de hierarquias e a formação para a vida adulta (GARCIA JÚNIOR, 1983).

Dos 18 entrevistados, 89% (16) sempre permaneceram na vila rural de Belenzinho desenvolvendo atividades agrícolas desde o tempo de seus pais. A principal atividade agrícola sempre esteve relacionada aos cultivos das espécies anuais, especialmente, as chamadas de

¹ Antonio Candido, em sua obra “Os parceiros do Rio Bonito”, chamou de “saudosismo transfigurador” a idealização de um passado memorado como melhor que o tempo presente, ainda que não o tenha sido. Segundo Candido essa idealização “consiste em comparar, a todo propósito, as atuais condições de vida com as antigas; as modernas relações humanas com as do passado. As primeiras, que interessam diretamente a este trabalho, referem-se principalmente a três tópicos: abundância, solidariedade, sabedoria” (CANDIDO, 1987, p. 193–194)

“roça”, ou seja, mandioca, arroz, milho e feijão, também conhecidas como culturas alimentares. A produção de farinha de mandioca sempre foi a principal atividade para as famílias da região e para algumas, a única.

Um dos entrevistados destaca que, antes de se assalariar na dendeicultura, cultivou também, além da roça, plantas perenes como o açaí. É importante destacar que o cultivo de frutíferas, até então não era considerado uma atividade, pois era somente para consumo e estavam, geralmente, próximos aos locais de moradia, no sítio, por isso não elencavam como uma atividade.

Até a chegada da dendeicultura nas proximidades da vila onde moram, esses trabalhadores se identificavam como agricultores familiares, por ser esse o trabalho aprendido com seus pais, e a principal atividade de sustento das suas famílias.

4.2 A Trajetória e identidade como assalariado

Os moradores de Belenzinho, entrevistados, tinham grandes expectativas quanto a chegada da dendeicultura, especialmente, com a possibilidade de ter pela primeira vez uma carteira de trabalho assinada, construir sua casa de alvenaria, bens materiais, ter um salário fixo e obter melhorias estruturais para a vila. Alguns dessas expectativas foram alcançadas, especialmente a compra de bens materiais e a construção de casas de alvenaria. Em estudo nessa mesma região, Mota (2022) destaca que encontrou lugares que evidenciavam residências construídas recentemente pelos trabalhadores assalariados da dendeicultura.

Mota (2005), estudando os trabalhadores rurais do platô, no semiárido nordestino, identificou que a procura pelo assalariamento está motivada por conflitos entre as gerações, motivados pelas diferentes visões quanto a forma de gerir uma atividade produtiva, o desejo de ser independente da família, o sonho de fazer algo novo e diferente a falta de vontade de continuar morando sob a influencias dos pais ou irmãos, acontecimentos frequentes no interior das células familiares. “ sem contar que o trabalho agrícola é pesado e pouco remunerativo, além do convívio com as incertezas a que a atividade está sujeita” (MOTA, 2005, p. 155)

No caso em estudo, as razões se assemelham. Segundo o Sindter do município do Acará trouxe diversos benefícios econômicos aos moradores do município, especialmente aos mais jovens.

Ela (a dendeicultura) agregou muitas pessoas que estavam desempregadas aqui na cidade, que não tinham oportunidade na prefeitura, o comércio daqui não oferecia oportunidade para emprego, então , ela acabou empregando esse povo, a maioria numa faixa etária de juventude, com isso a família ganhou um status econômico para poder

ter um crédito no comércio, saber que no fim do mês tem uma renda, uma carteira assinada e ter um salário (A.P.G, 53anos)

Para além, o trabalho assalariado foi uma busca por alternativas financeiras frente a oscilação de preços dos produtos agrícolas, especialmente, da principal cultura agrícola da região, a mandioca e às suas doenças como a podridão da mandioca, ocasionada por fungos em solos encharcados.

Os rumores e plantios de dendê chegam à vila em meados de 2010, período onde ocorrem os primeiros contatos da empresa Biopalma² com os moradores locais na procura por trabalhadores que desejassem trabalhar assalariados na dendeicultura. Assim, para esses trabalhadores rurais o emprego na dendeicultura “bateu na porta”, como foi comum escutar. O objetivo da empresa era agregar o maior número de assalariados em um único local e assim facilitar a locomoção desses.

A faixa etária dos trabalhadores rurais quando estavam assalariados na dendeicultura foi de 18 a 45 anos, sendo que 89% (16) dos trabalhadores entrevistados tinham entre 18 e 37 anos. Os dados refletem a composição de uma força de trabalho jovem, tendo como princípio o aproveitamento do potencial físico desses homens, item essencial para assegurar as longas jornadas entre o deslocamento da casa até o local de efetivo trabalho, o peso do carreamento dos cachos de dendê, a roçagem, a poda das árvores entre outras atividades que envolvem o dendê e o trabalhador rural, que são classificadas, pelos trabalhadores, de grande exaustão.

Figura 1: Idade dos trabalhadores quando assalariados na dendeicultura



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2023

² Em 2020 a Empresa Biopalma vende a totalidade de suas ações para a Brasil Bio Fuels (BBF)

Para os trabalhadores rurais de Belenzinho, o trabalho assalariado na dendeicultura durou em média quatro anos, sendo que 71% (12) trabalhadores ficaram de três a sete anos na empresa e 34% (6) trabalhadores permaneceram de três meses a três anos assalariados no dendê.

Os dados obtido condizem com os verificado por Robert (2017) onde os trabalhadores rurais da dendeicultura são contratados no auge de seu vigor físico e permanecem no emprego pelo período de quatro anos e meio na média, período esse considerado pelos entrevistados como o tempo que o corpo aguenta o trabalho pesado na dendeicultura.

A trajetória dos 18 entrevistados se entrelaça durante o trabalho na dendeicultura. Nesta fase, eles estavam inseridos na categoria denominada rural palmar, que abrange diversas atividades que envolvem a manutenção do monocultivo, tais como: plantio, coroamento das plantas, rebaixo ou capina, adubação, poda, colheita ou corte de cachos de dendê e carreamento.

Para 61% (11) trabalhadores rurais mesmo quando assalariados o trabalho na agricultura esteve presente no cotidiano familiar, ao menos para não faltar “a farinha na mesa da família” como foi comum escutar. No entanto, não se identificavam mais como agricultores, mesmo não abandonando a produção agrícola porque detinham vínculo empregatício com a empresa e a maior parte do tempo era dedicado ao assalariamento. Segundo os entrevistados, a saída para o trabalho ocorria, geralmente, as 4h da manhã e o retorno às 18h. No entanto, as horas de trabalho são contadas a partir das 6h até as 16h, o restante é contabilizado como as horas de deslocamento entre a casa e o local de efetivo trabalho³. Para além, a identificação como assalariados surge também pela renda principal ser proveniente do assalariamento na dendeicultura.

4.3 Reassumindo a identidade de agricultor familiar

É importante destacar neste item, que o retorno para a agricultura familiar só é possível para os trabalhadores que pertencem a famílias que possuem terras porque não foram expropriados de seus locais de moradia e trabalho. Castro (2022) avalia que existem conexões entre os movimentos de nacionais e internacionais voltados à exportação de *commodities* de carne, de grãos e de minérios com a ocupação terras públicas e de comunidades locais.

Mota, Ribeiro e Schmitz (2019) analisando a organização do trabalho familiar sob a influência da produção de dendê, destacam que as relações de trabalho assalariado dentro e fora dos estabelecimentos familiares dão-se, muitas vezes, entre trabalhadores que não são

³ Com a aprovação da nova reforma trabalhista (lei 13.467/2017) é retirada o direito ao pagamento das horas de deslocamento entre a casa e o local de efetivo trabalho, essa também é conhecida como horas in itinere

expropriados dos meios de produção, mas buscam complementação de rendimentos para a sobrevivência e outros fins.

Segundo o presidente do Sindter do município do Acará, 80% dos assalariados na dendeicultura desse município tem sua origem na agricultura familiar. Os mesmos, geralmente, possuem terras, os pais são agricultores.

Quando eles chegam do dendê eles vão pra sua casa ou casa dos pais em propriedades rurais no campo, então eles são ramificações da agricultura familiar. quando eles trabalham lá quatro ou cinco anos que eles são demitidos, eles voltam para a agricultura familiar. A maioria tem um sítio, um terreninho para trabalhar, então eles têm essa ligação muito identificada com o campo (A.P.G, 53anos)

As expectativas de permanecerem assalariados por longos períodos são frustradas quando o trabalho assalariado na dendeicultura passa a ter um caráter temporário, seja por suas características penosas ou pelos contratos de trabalho. Mas também encontramos trabalhadores que pretendiam ter um vínculo pelo tempo necessário para adquirir algum bem.

Após o fim do vínculo trabalhista com as empresas de dendê, 94% (17) dos entrevistados retornam ao seu trabalho na agricultura. Porém, optam por cultivar em prioridade frutíferas, como é o caso do açaí, cupuaçu, cacau, e outras em menores proporções, sem, contudo, deixar de cultivar a mandioca para a venda e ao consumo familiar. A opção por esses cultivos está relacionada ao retorno financeiro, mas também pela menor penosidade no trabalho que exigem.

O cultivo da roça de mandioca aparece em 94% (17) dos estabelecimentos dos trabalhadores, apesar de dedicarem menores áreas (geralmente três tarefas) a esse cultivo, sempre destacam essa como uma cultura local, ou essencial, ou pelo menos para tirarem a farinha para o consumo.

O cultivo de açaí em terra firme é uma das opções de cultivo para 94% (17) dos trabalhadores, esse inicia-se com uma das principais culturas agrícolas ao saírem do assalariamento na dendeicultura. No entanto, os cultivos são diversificados é ocorrem nas seguintes proporções: apenas 6% (1) dos trabalhadores estava cultivando somente mandioca, 6% (1) estava açaí, cupuaçu e mandioca, 61% (11) estava com açaí e mandioca, 17% (3) açaí, cacau, cupuaçu e mandioca, 6% (1) cultivava açaí, mandioca e criava frango e 11% (1) cultivava açaí, cupuaçu, cacau e mandioca.

O retorno da dendeicultura é um momento em que esses trabalhadores assumem novamente sua identidade de agricultor familiar. A possibilidade de reassumirem essa identidade está relacionada ao fato de possuírem terras agrícolas de família o que possibilita a esses a pluriatividade. Outro fator que contribui e o fato desses não saírem do seu local de moradia para

se assalariar, pois residiam próximos aos locais de trabalho assalariados na dendeicultura (MOTA; BALSADI; MOURÃO JÚNIOR, 2019).

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho é compreender as identidades de trabalhadores rurais criadas ao longo das trajetórias de trabalho no processo de expansão de uma *commoditie* no Nordeste Paraense

A identidade de agricultor familiar revela-se quando eles trabalham com os pais na agricultura e se intensifica quando iniciam seus próprios cultivos. O assalariamento na dendeicultura surge para muitos como a primeira oportunidade de atividade com carteira assinada. Na ocasião, assumem a identidade de trabalhador assalariado pelo fato da atividade se tornar a principal fonte de renda da família e por ser nela que dedicam a maior parte do seu tempo de trabalho. Ademais, comunicam que têm ganhos regulares.

O trabalhador rural opta por se assalariar em determinado momento de sua vida na busca de adquirir bens materiais e a carteira assinada, mas acima disso objetiva diversificar suas atividades, fora do estabelecimento, assegurando a permanência do estabelecimento e da família na vila rural. No entanto, a penosidade do trabalho e a rotatividade imposta pela própria empresa, fazem com que o assalariamento na dendeicultura seja por período, geralmente, curto.

Ao serem demitidos da dendeicultura retornam as suas atividades iniciais de agricultores familiares iniciando novos cultivos e continuando nos cultivos tradicionais de roça. Uma das alternativas é reassumir a agricultura como sua principal fonte de renda. Porém, dando ênfase a cultivos de frutíferas que estão em “alta” como o açaí. Esse retorno é possível por ainda possuírem terras para a agricultura e por estarem próximos de casa enquanto assalariados. Por fim, salientamos que as conexões entre identidades e trajetórias compõem uma ação para garantir o próprio reconhecimento e pelo outro.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 7. ed. São Paulo: Duas cidades, 1987.

CASTRO, E. M. R. Desmatamento na Amazônia, desregulação socioambiental e financeirização do mercado de terras e de *commodities*. **Novos Cadernos NAEA**, v. 25, n. 1, p. 11–36, 2022.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997

GUERRA, G. A. D. **O posseiro da fronteira: Campesinato e sindicalismo no sudeste paraense.** 2. ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2013.

MOTA, D. M. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais.** Fortaleza: Banco do Nordeste; Embrapa tabuleiros costeiros, 2005.

MOTA, D. M.; BALSADI, O. V.; MOURÃO JÚNIOR, M. Transformações na estrutura ocupacional do Norte do Brasil com foco na dendeicultura. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 39, n. 2, p. 289–312, 13 dez. 2019.

MOTA, D. M.; RIBEIRO, L.; SCHMITZ, H. A organização do trabalho familiar sob a influência da produção de dendê em Tomé-Açu, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 14, n. 2, p. 531–552, ago. 2019.

MOTA, D. M. Sociabilidades entrecortadas em vilas rurais sob o afluxo de migrantes para trabalhar na dendeicultura no Pará. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 42, n. Especial, p. 489–506, 20 dez. 2022.

PANTOJA, MARIANA C. **Os Miltons: cem anos de história nos seringais.** 2. ed. Rio Branco (AC): EDUFAC, 2008.

RIBEIRO, L. B.; NASCIMENTO, D. A. S. **Ruralidade imposta pela produção de uma commodity em vila rural no Pará.** CP02 - Ruralidades e Lutas sociais no campo. **Anais...** Em: 20 CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Belém: Universidade federal do Pará, 2021.

ROBERT, L. F. O. J. **Trabalho agrícola na colheita do dendê: a contribuição da ergonomia na avaliação das condições de trabalho em uma empresa de médio porte no Nordeste do Estado do Pará.** Doutorado—São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2017.

SILVA, M. A. M.; MELO, B. M. Nesse panorama partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. **Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília**, p. 129–151, dez. 2009.